

Ao sol carta é farol

Francisca Nogueira de Azevedo

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, 378 pp.

Ao sol carta é farol. Esta é a metáfora usada por Matildes Demétrio dos Santos para intitular seu livro sobre a correspondência entre Mário de Andrade e outros missivistas, publicado pela editora Annablume (São Paulo, 1998). O título sugere a importância de um olhar apropriado sobre a escrita epistolar, que nos últimos tempos tem sido objeto de interesse de número cada vez maior de historiadores. O gosto do público pelo gênero biográfico e autobiográfico cresceu muito, a partir década de oitenta, certamente estimulado pelos novos aportes teórico-metodológicos experimentados pela história. Essa “nova” história exigiu a renovação das fontes, forçando o alargamento da documentação que vai encontrar em arquivos privados, correspondência, diários, memórias etc., filão precioso para que se pro-

cesse um mergulho profundo na vida do indivíduo, o que resultou em nova reflexão do individualismo no âmbito do trabalho historiográfico. A construção de uma biografia hoje, por exemplo, se sustenta em uma metodologia explicitada onde, seu objetivo fundamental é levar à compreensão da época, permitindo perceber a realidade dos problemas sociais através do concreto de uma vida.

É também uma metáfora – *Teatro da Memória* – que servirá de chave para que Ângela de Castro Gomes, a título de prólogo, introduza discussão teórico-metodológica sobre a “escrita de si”, em livro organizado por ela e recém chegado as livrarias. Para a autora, “tal idéia remete diretamente ao debate já mencionado sobre o texto como representação e/ou invenção de si, situando esse tipo de escrita como um palco onde a encenação dos múltiplos papéis sociais e das múltiplas temporalidades do indivíduo moderno encontraria espaço privilegiado”.

Nestes termos, a “escrita de si” é apropriada como estatuto de documento histórico, observando a fragmentação do indivíduo e as múltiplas transformações políticas e sociais do período em que são escritas. Como documento a “escrita de si” recupera o tempo real e permite a identificação histórica dos fatos e personagens, através da ênfase à dimensão individual desse processo. Desvendam-se então, os caminhos de uma memória que de forma voluntária ou involuntária registra a recordação de si mesma e de um outro dando sentido a representação de um tempo histórico.

Na realidade, o trabalho com essa documentação não difere muito da crítica necessária à que o historiador submete outros tipos de fonte. No entanto, determinadas características desse gênero de documento, especialmente no que diz respeito à “verdade” e a subjetividade histórica, tem sido, ultimamente, objeto de preocupação teórica e metodológica de muitos historiadores. Pierre Bourdieu, por exemplo, ao chamar a atenção sobre a “ilusão biográfica” oferece um caminho metodológico como condutor de uma narrativa histórica para o estudo biográfico. Para ele o “nome próprio” constitui um ponto fixo num

mundo móvel, e através dele se garante uma identidade social e individual em todos os campos os quais o indivíduo intervém. Dessa forma, o “sujeito” transita em tempos e espaços diferentes, submetido a incessantes transformações, não ficando prisioneiro de um mesmo nexos, mas entendido dentro de uma dinâmica que reflete o sentido dialético da vida social.

Sem dúvida, foi este tipo de preocupação que levou Ângela de Castro Gomes a organizar esta coletânea, e é a intenção de uma condução teórica-metodológica o que diferencia este livro de outros do gênero. Fica claro o propósito de refletir e introduzir uma metodologia para o trabalho com este tipo de fonte. Assim, já no prólogo, a autora inicia uma ampla discussão sobre questões de ordem metodológica, que se fará presente, de forma detalhada, nos estudos que compõe a coletânea.

O livro é dividido em duas partes e, em ambas, os textos obedecem a uma ordem cronológica. A primeira parte é composta por sete capítulos, cuja maioria trata da correspondência ativa e passiva de intelectuais brasileiros entre as décadas de 20 e 40 do século passado. Há ainda, a análise de um diário de Gilberto Freyre, escrito na juventude, e um

trabalho dos registros feitos por Monteiro Lobato sobre ele mesmo, amigos e negócios editoriais.

A segunda parte reúne nove capítulos que vão do final do século XIX aos anos setenta do século XX, na qual encontram-se dois conjuntos de textos com abordagens teóricas bem definidas: um com questões de relativas a estudos de gênero e o outro centrado em problemas de ordem política. Nesta parte, observa ainda, uma certa variedade tipológica de fontes sobre a “escrita de si”. Além da correspondência e diários, encontram-se textos cujo suporte são narrativas memorialistas e entrevistas de história de vida. Como Ângela de Castro Gomes ressalta na apresentação do livro, o último estudo desta parte “não usa, por excelência, como fonte um tipo de texto que se enquadre na “escrita de si”. O estudo analisa “bilhetinhos” enviados aos jornais pelos censores, durante o regime militar. A organizadora justifica a inclusão do texto na coletânea pela originalidade desse tipo de documento.

“Penetrar na intimidade das cartas alheias, procurar desvendar sua subjetividade é entrar num mundo desconhecido sempre surpreendente e inesperado”, escreve Matilde Demétrio. É essa sensação de surpre-

sa, de encontro com o inesperado que se tem ao ler o conjunto de artigos que integram o livro ora analisado.

Logo no primeiro texto, de autoria de Hebe Maria de Mattos e Keila Grinberg, descobre-se a riqueza do conjunto epistolar encontrado na coleção Antonio Pereira Rebouças, depositada na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional. Surpreende, particularmente, os registros autobiográficos, ou “apontamentos biográficos”, anotações feitas por Antônio Rebouças de episódios e fatos que considerava importantes para sua biografia. Rebouças costumava registrar a maneira como pretendia ser lembrado, e através de uma análise cuidadosa das fontes as autoras chegam a conclusão que Antônio Rebouças queria ser lembrado por sua “vida patriótica”.

Gilberto Freyre merece destaque em dois capítulos. Um escrito pela organizadora da coletânea, e o outro, por Antônio Paulo Resende. Ângela de Castro retoma, neste texto, a discussão teórico-metodológica que introduz o livro, só que aqui a autora faz uma análise mais específica sobre o uso da correspondência como fonte histórica. As cartas entre Freyre e Oliveira Lima revelam o caminho da construção da amizade entre os dois e as discussões intelectuais que travam, especialmente

em relação à questão da raça no Brasil. Nos diários de Gilberto Freyre, escritos na juventude, descortina-se a inquietação de um jovem preocupado em compreender seu tempo e a si mesmo.

No quinto e no sexto capítulos Monteiro Lobato é o intelectual escolhido por Giselle Martins Venâncio e Tânia Regina de Luca. Giselle Vanâncio, “Nas Cartas de Lobato a Viana”, nos apresenta o editor em diálogo com seu autor e as preocupações que Lobato tinha com o mundo editorial, negócios e vida intelectual. Além disso, elas permitem invadir e penetrar na intimidade dos amigos, na conversa fiada sobre saúde, velhice, amarguras e desencantos. Nos diários do criador do Jeca Tatu, as preocupações não são muito diferentes daquelas que revela ao amigo Oliveira Viana. Sua vida de empresário editorial, a Revista Brasil e os modernistas engrossam as páginas de seus diários. Mas é possível conhecer também um outro Lobato, bem diferente daquele que guardamos na memória por suas histórias infantis. O criador de D. Benta, Narizinho, Pedrinho e outros personagens inesquecíveis – que muita alegria ainda traz as crianças através do Sítio do Pica-Pau Amarelo – no final dos anos 40 era um homem triste e de-

siludido. Havia sido preso, perdera dois filhos e fracassara como empresário. Como assinala Tânia de Luca “não foi por acaso que Lobato escolheu o quadro de Gleyre, originalmente intitulado *Ilusões Perdidas* para nomear sua autobiografia”.

Os outros dois capítulos que encerram a primeira parte são o de Lucia Maria Paschoal Guimarães e Valdei Lopes de Araújo, sobre a correspondência passiva de John Casper Branner cientista norte-americano, membro correspondente do IHGB e da Academia Brasileira de Letras. Branner esteve no Brasil em diversas missões a serviço da Comissão Geológica do Império. A análise de sua correspondência revela a rede de sociabilidade o prestígio social e acadêmico que o cientista tinha entre os intelectuais brasileiros. O último texto é de Rebeca Gontijo, e através do qual, como *voyeur* participamos da intimidade e confidências entre Capistrano de Abreu e Paulo Prado. Temas como trocas de favores, saúde, doença, memórias e o cotidiano dos dois são tratados com liberdade. Capistrano, mesmo doente não perde o humor e ironiza suas mazelas. O texto permite conhecer Capistrano de Abreu em suas múltiplas facetas: o alfarrabista, editor, leitor e escritor.

Na segunda parte do livro quatro capítulos tratam de questões de gênero. Ana Maria Mauad e Mariana Muaze, Celso Castro e Marieta de Moraes Ferreira nos introduzem – através dos diários da Viscondessa de Arcozelo, dos diários da jovem Bernardina e da correspondência de Honestalda de Moraes Martins – ao mundo de três mulheres que viveram no limiar entre o século XIX e XX. Esses relatos abordam o cotidiano doméstico feminino, introduzindo nova reflexão sobre o papel das mulheres na construção da sociedade brasileira, fora do governo da casa e dos cuidados com a família. A viscondessa, Maria Isabel de Lacerda Werneck, era dona de três fazendas, e tinha o hábito de registrar, além da circulação de pessoas que passavam pelas fazendas, os produtos e mercadorias necessárias à manutenção diária de cada uma de suas propriedades. Anotava ainda, a época da colheita do café assim como as atividades referentes aos escravos. Honestalda, também fazendeira, tornou-se uma empresária de sucesso como gestora dos negócios da família após a morte do marido. Administrava duas fazendas e chegou a fundar um banco – Banco São Francisco de Paula. Em 1836, Honestalda arrisca a entrada no mundo da política, e é eleita prefeita de São Francisco

de Paula. Bernardina Constant de Magalhães Serejo é filha de um dos fundadores da República, Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Bernardina registra em seu diário o cotidiano de uma menina de seu tempo, visitas aos amigos, passeios com a irmã, mas também a intimidade e a vida privada do pai. Seu diário tornou-se, assim, fonte indispensável para as biografias sobre Benjamim Constant. Todos os três textos são relatos da intimidade cotidiana que surpreendem o leitor contemporâneo.

O décimo primeiro capítulo de autoria de Lídia M. Vianna Possas apresenta um estudo sobre as mulheres militantes e simpatizantes da AIB (Ação Integralista Brasileira). A partir de referências teóricas pautadas a noção de “distância” e “estranhamento” de Ginzburg – idéias desenvolvidas em seu livro *Olhos de Madeira* (São Paulo, 2001) – a autora analisa um conjunto de missivas no período de 1932 a 1938. As cartas, de acordo com a própria Lídia Vianna, “são pontuadas por uma variedade de assuntos que interligavam, de modo surpreendente, as dimensões públicas e privada e vice-versa, permitindo vislumbrar níveis de intimidade construídos e consentidos entre o chefe nacional e a militância”.

No grupo de textos que tem como preocupação central a política, a correspondência de Getúlio Vargas é objeto de análise em dois deles. Jorge Ferreira recupera as cartas de Jango a Getúlio. A correspondência ao evidenciar registros mais íntimos e pessoais das relações sociais sugerindo compartilhamento de vidas, idéias, angústias, alegrias etc. conduz o pesquisador a universo de subjetividade freqüentemente emocionante. É assim nas cartas de Getúlio a Jango. O leitor pode acompanhar passo a passo o desenvolvimento e o estreitamento da amizade entre os missivistas, como também seguir o crescimento da trajetória política de João Goulart. Do mesmo modo, o texto de Maria Celina D'Araújo desmistifica e humaniza uma das figuras míticas de nossa história republicana. Getúlio Vargas revela em sua correspondência um homem fragilizado e solitário, demonstrando certa obsessão pela morte. Várias de suas cartas mencionam o “sacrifício da vida” em caso de derrota. A autora demonstra ainda como em muitos registros encontrados no Diário de Getúlio encontra-se também sua visão trágica diante dos impasses políticos. Nesses relatos, em muitos momentos a memória de um tempo histórico torna-se real.

O décimo quarto e décimo quinto capítulos narram a história de vida de dois militantes políticos perseguidos durante a ditadura militar no Brasil. Antonio Torres Montenegro acompanha a trajetória de dom Antônio Fragoso, bispo de Crateús denunciado como comunista e subversivo. Antonio Montenegro através de entrevistas e textos memorialistas, recupera a memória de dom Antônio sobre os “anos de chumbo”. A história da militante de esquerda Jane Vanini – que entrou na luta armada no Brasil e viveu exilada em vários países – é analisada por Regina Beatriz Guimarães Neto e Maria do Socorro de Souza Araújo, através da correspondência enviada para a família. As cartas foram escritas durante seu exílio no Chile entre 1972 e 1974, ano em que foi assassinada pelos soldados da ditadura militar de Pinochet. A correspondência revela um depoimento emocionante e a trágica vida de Jane.

O último capítulo também aborda o período do regime militar no Brasil e, como foi mencionado no início deste texto, embora as fontes não pertençam ao gênero “escrita de si”, a originalidade da fonte justificou sua inclusão na coletânea. *“De ordem superior... Os bilhetinhos da censura e os rostos das vozes”* é de

autoria de Beatriz Kushnir. O artigo abre os arquivos para revelar como os censores atuavam nos órgãos da imprensa e as estratégias usadas por intelectuais e jornalistas para burlar a ação da censura. Sem dúvida, uma documentação que recupera, de forma muitas vezes curiosa e até mesmo hilária parte da história recente do país.

Dessas reflexões pode-se concluir que o livro organizado por Ângela de Castro Gomes, *Escrita de si, escrita da história*, é uma obra importante, não só pela relevância dos textos que compõem a coletânea, mas principalmente pelo fato de conjugar de maneira singular reflexões de ordem teórico-metodológicas com a construção sistemática de exercícios de análise da “escrita de si”, além de indicar as variadas e instigantes possibilidades abertas pelo uso da correspondência privada como fonte para a escrita da história.